

## Fios, ervas e memórias: uma crônica da sociopoética do cotidiano

Raquel Alves de Sene

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137407>

### Tecendo o caminho

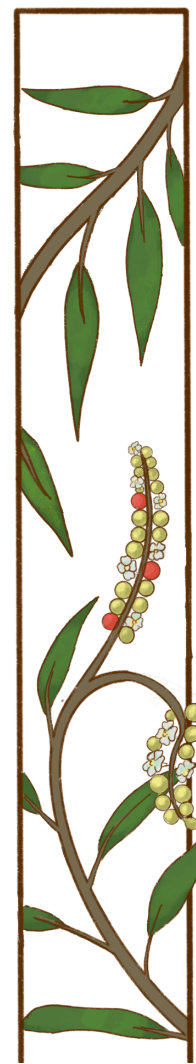
Esta crônica foi tecida como ebó no percurso da Pós-Graduação em Psicologia da Descolonização, no eixo “Territórios do comum, cotidiano e os modos de bem-viver-bem”. Aqui, ebó aparece como gesto de reconhecimento, circulação, troca e responsabilidade com os saberes, encontros e presenças que sustentaram esta caminhada. O que entrego em forma de escrita retorna à roda como gratidão, mas também como responsabilidade diante dos fios, ervas, memórias e saberes que recebi.

Escolher a crônica não é escolha de forma apenas. É uma escolha de chão. É a decisão sobre como o conhecimento nasce e por onde ele caminha. A crônica permite que a vida fale com sua respiração: o que a academia costuma chamar de pequeno, o cotidiano costuma chamar de necessário. Ela acolhe a experiência vivida, reconhece que saber não mora só na ideia, mas também no corpo, no afeto, no território. E, como a sociopoética, desloca fronteiras rígidas: entre arte e ciência, entre o popular e o acadêmico, entre o objetivo e o íntimo.

Nada começa do zero. Tudo começa de antes. Começa no passo de quem veio antes, na repetição que ensinou o corpo a resistir, na memória que insiste em ficar. Este ebó nasce assim: do caminho já pisado e do que foi guardado sem arquivo formal. Sou uma mulher preta, periférica, com 52 anos, e escrevo porque sigo caminhando. Escrevo porque, para nós, caminhar quase sempre foi atravessar: uma cidade, um sistema, um silêncio, uma ausência.

Este ebó não nasce da distância. Nasce da presença. Não nasce da pressa. Nasce do tempo que se respeita. Ele brota das periferias como lugar de vida, criação e sustentação, onde o comum se refaz em rede quando tudo tenta nos deixar sós. Brota das rodas que se formam sem comando, das mãos que fazem enquanto conversam, das falas que circulam sem disputar.

A ancestralidade aqui não é retorno: é companhia. É seguir em frente com quem veio antes, encostado no ombro. Ela aparece no chá que perfuma a casa, no ponto do



crochê aprendido com as mais velhas, no sentar-se em círculo, no silêncio que também diz. Ela aparece quando o corpo desacelera e cabe inteiro no encontro. E quando cuidar deixa de ser tarefa individual e vira decisão coletiva.

Bruno Simões Gonçalves nos ajuda a compreender como práticas do cotidiano podem configurar alternativas ao modelo de desenvolvimento ocidental, produzindo o que povos originários nomeiam como bem-viver: uma forma de existir baseada na reciprocidade, na harmonia e no cuidado coletivo, em contraposição ao bem-estar individual sustentado pela lógica do consumo e da acumulação.

É nessa direção que esta crônica se move: uma narrativa sobre um encontro semanal na periferia paulistana, onde o comum vira território de resistência à colonialidade, espaço de produção de conhecimentos e exercício do bem-viver-bem. Com Nego Bispo, compreendo esse movimento como contracolonial: dar continuidade ao que já existia, fortalecer mundos, saberes e práticas que a colonização não conseguiu destruir. Com Quijano, reconheço que a colonialidade não atua somente nas instituições; ela também organiza hierarquias de saber, valor e existência. Por isso, sustentar o comum, a oralidade, o cuidado e a autonomia também é disputar os sentidos do conhecimento.

Porque há revoluções que não anunciam. Elas fervem água, puxam cadeira, fazem roda. E sustentam o mundo ponto por ponto.

### **Fios, ervas e memórias: uma crônica da sociopoética do cotidiano**

Era sexta-feira quando descobri que uma revolução pode caber numa xícara de chá. Não foi nos livros de história que aprendi isso, nem nas aulas sobre movimentos sociais. Foi numa sala simples, onde o aroma de capim-cidreira dançava no ar e o som suave das agulhas de crochê compunha uma sinfonia quase imperceptível. Ali, entre fios coloridos e conversas entrelaçadas, testemunhei essa forma de criar conhecimento que nasce do encontro, do afeto e da arte.

Hoje, quando a memória dessas tardes me visita, ela não chega sozinha: vem acompanhada de uma saudade funda, dessas que pousam devagar no peito e acendem, por dentro, o que parecia adormecido. Sinto falta do círculo se formando, do chá repartido, das mãos em movimento, das vozes que iam abrindo passagem umas para as outras. E sinto, sobretudo, a presença do que ali fui. Naquelas rodas, não apenas aprendi: também ensinei, troquei, ofereci de mim, deixei palavra, escuta e cuidado.

Entre fios, ervas e conversas, fui também preparando caminhos para as que viriam, como quem alarga a roda para que outras cheguem e encontrem lugar. Talvez seja por isso que a lembrança desses encontros ainda arda tão viva: porque neles não só estive, mas me teci com elas.

A chaleira cantava sua melodia ancestral quando cheguei. As mulheres já estavam dispostas em círculo, cada uma com sua cestinha de linhas e agulhas, como se fossem guerreiras de diferentes gerações preparando suas armas para uma batalha silenciosa contra o esquecimento e a solidão. Mas que armas eram essas? Fios de algodão, agulhas de metal, xícaras de porcelana e, principalmente, histórias guardadas no peito como tesouros preciosos.

“Primeiro o chá”, disse dona Maria, a mais velha do grupo, com a autoridade de quem conhece os segredos da vida. E ali começou o ritual. Não era apenas água quente com ervas - era um portal que se abria para outro tempo, um tempo que não se mede em produtividade ou lucro, mas em goles pausados e respirações profundas. Enquanto o vapor subia das xícaras, eu pensava em como aquele gesto era, na verdade, um ato de rebeldia. Em um mundo que nos empurra para a aceleração constante, que transforma cada minuto em mercadoria, aquelas mulheres escolhiam a lentidão. Escolhiam parar. Escolhiam ser.

O chá era mais que bebida — era resistência. Resistência à lógica capitalista que nos rouba o tempo de estar conosco e com os outros. Era o encontro de tempos diferentes, o ancestral e o presente, o individual e o coletivo, o sagrado e o cotidiano. “Hoje trouxe folhas de amora”, anunciou dona Cida, tirando um saquinho da bolsa. “Para quem está naquela fase, sabe como é...” E todas sabiam. A menopausa era assunto sempre em pauta naquelas rodas, e dona Cida, com sua sabedoria de parteira aposentada, sempre tinha um chá, um conselho, uma receita para amenizar os calores e as mudanças do corpo feminino. “Minha avó já fazia assim”, explicava, enquanto despejava as folhas secas na água quente. “Três xícaras por dia e os fogachos vão embora.”

As cadeiras formavam um círculo perfeito. Não por acaso, não por descuido. O círculo é uma escolha política, uma geometria do afeto que nega hierarquias e convida à partilha. Ali, não havia professora e alunas, não havia quem sabia mais ou menos. Havia apenas mulheres que se olhavam nos olhos e dividiam não só o espaço, mas a vida. “Aprendi esse ponto com minha avó”, contava dona Rosa, enquanto suas mãos dançavam com as agulhas. “Ela dizia que cada ponto era uma oração, cada fileira uma

bênção.” E assim, entre pontos e orações, entre fileiras e bênções, o conhecimento circulava. Não o conhecimento dos livros, mas o conhecimento da vida, esse que se aprende com o corpo inteiro, com as mãos que fazem, com o coração que sente, com a memória que guarda.

Era sociopoética em estado puro. O saber nascendo do encontro, da troca, da criação coletiva. Cada uma ensinava e aprendia ao mesmo tempo, numa dança de saberes que desafiava a lógica colonial da educação, onde uns detêm o conhecimento e outros apenas recebem. As peças de crochê que nasciam ali não eram apenas artesanato. Eram escritas de si, narrativas tecidas em fios coloridos. Cada ponto carregava uma história, cada cor uma emoção, cada peça uma pequena autobiografia. Dona Antônia fazia tapetes com desenhos geométricos que lembravam as cerâmicas de sua terra natal. Dona Conceição preferia as toalhinhas delicadas, “como as que minha mãe fazia para enxoval de noiva”. Cada uma imprimia no crochê sua marca, sua identidade, sua resistência.

Mas havia algo mais. As peças vendidas garantiam renda, autonomia financeira conquistada com as próprias mãos. “Não preciso pedir dinheiro para ninguém”, dizia dona Lúcia, com orgulho na voz. “Minhas mãos me sustentam.” E foi dona Cleide quem ampliou essa conversa sobre autonomia: “Vocês sabem que eu faço torta de amora para vender, né? Aproveito as amoras do quintal e vendo na feira. Uma torta dessa dá para comprar linha para um mês inteiro de crochê.” Vivenciamos como os saberes se entrelaçam - o chá medicinal de dona Cida inspirava a torta comercial de dona Cleide, numa rede de conhecimentos que se alimentavam mutuamente.

O fazer manual, tantas vezes desvalorizado numa sociedade que privilegia o trabalho intelectual, pode ser fonte de poder e independência. O crochê se tornava, assim, uma prática contracolonial. Não porque recuperasse algo perdido, mas porque mantinha vivo aquilo que nunca deixou de existir. Contra a colonização que nos faz acreditar que só o trabalho formal tem valor. Contra a colonização que invisibiliza o trabalho das mulheres. Contra a colonialidade que hierarquiza os saberes e descarta os conhecimentos ancestrais em nome da modernidade.

Enquanto as mãos teciam o visível, a conversa tecia o invisível. Era ela que transformava um grupo de pessoas em comunidade, que criava os laços que sustentavam aquele encontro semanal. As histórias fluíam como água de rio: lembranças da infância, receitas de família, desafios do presente, sonhos para o futuro. “Minha neta não quer aprender crochê”, suspirava dona Helena. “Diz que é coisa de

velha.” E ali se abria uma ferida comum: o abismo entre gerações, a desvalorização dos saberes ancestrais, a corrida desenfreada para o novo que nos faz esquecer do que somos.

Mas nem tudo estava perdido. Ali mesmo, no canto da roda, Anita, de apenas 13 anos, acompanhava sua avó, dona Carmen, com olhos atentos e curiosos. Suas mãos ainda lutavam com as agulhas, os pontos saíam tortos, as fileiras desiguais, mas ela persistia. “Ela vem comigo toda sexta”, contava dona Carmen com orgulho. “No começo só ficava no celular, mas agora presta atenção em tudo. Absorve que nem esponja.” Anita sorria tímida quando as senhoras a elogiavam, e mesmo com dificuldade, continuava tentando. Era a prova de que os fios da tradição, quando tecidos com paciência e amor, ainda podiam alcançar as novas gerações.

Mas a conversa também era cura. Era no círculo que as dores eram partilhadas e aliviadas, que as alegrias eram multiplicadas, que a solidão era vencida. “Aqui eu me sinto viva”, confessava dona Tereza. “Aqui eu existo.” A oralidade, essa forma ancestral de conhecimento, ganhava novo fôlego naquele espaço. As receitas passadas de mãe para filha, os remédios caseiros aprendidos com as avós, as histórias que não estão em livro nenhum — tudo isso circulava livremente, criando uma biblioteca viva, um arquivo afetivo da memória coletiva.

Observando aquele encontro, compreendi o que se chama de “territórios do comum”. Não se tratava apenas de um espaço físico - aquela sala emprestada do centro comunitário. Era um território simbólico, construído coletivamente, onde outros valores circulavam: a partilha em vez da competição, o cuidado em vez da exploração, a lentidão em vez da pressa. Ali, as hierarquias coloniais do saber perdiam força diante da experiência viva: o conhecimento deixava de ser posse individual e voltava a ser circulação, presença e partilha.

Era um exemplo vivo de como as miudezas do cotidiano podem ser potentes ferramentas de transformação. Não precisavam de grandes manifestações ou movimentos organizados. Bastava se reunir, tomar chá, conversar e fazer crochê para criar fissuras no sistema, para mostrar que outros mundos são possíveis.

Quando o encontro chegou ao fim e as últimas xícaras foram lavadas, eu sabia que havia presenciado algo especial. Uma revolução, não dessas que mudam governos e fazem história nas manchetes, mas dessas que mudam vidas e fazem diferença no dia a dia. As senhoras guardaram suas peças com cuidado, como quem guarda tesouros. E eram tesouros mesmo: não apenas pelo valor monetário que poderiam ter, mas pelo

valor simbólico que carregavam. Cada peça era um pedaço de alma, um fragmento de história, uma semente de resistência.

Saí dali com uma certeza: as crocheteiras, conhecidas como Formiguinhas do Amor, com seus fios, ervas e memórias, me ensinaram que tecer um futuro mais digno e poético não é tarefa para super-heróis. É trabalho paciente e amoroso que se faz no dia a dia, ponto por ponto, conversa por conversa, chá por chá. E assim, numa sexta-feira qualquer, descobri que uma revolução pode, sim, caber numa xícara de chá. Basta saber como prepará-la, com quem compartilhá-la e que histórias contar enquanto a bebemos. Basta compreender que o conhecimento nasce do encontro, do afeto e da arte. Basta perceber que a contracolônização acontece também no circular do cotidiano, nos gestos de cuidado e partilha.

### **Começo, meio e começo**

Começo, meio e começo. Nomeio assim esta travessia porque aprendi a desconfiar do fim como encerramento e da linha reta como única forma de existência. Há saberes que caminham por confluência, não por ruptura; por continuidade, não por corte; por retorno vivo. Este ebó não fecha uma porta. Ele abre uma roda. E roda aberta é convite: para seguir, para refazer, para recomeçar. Nada termina aqui. O que chamamos de conclusão é apenas outro começo.

Aprendi, no encontro, que a potência não mora só no grande acontecimento. Ela mora no gesto miúdo que se repete e, de tanto repetir, vira mundo. A potência mora em puxar cadeira, em preparar o chá, em esperar a outra chegar, em olhar nos olhos, em perguntar “como você está?” E realmente caber a resposta. Mora em sentar-se em círculo, onde ninguém fica acima, onde ninguém fica atrás. No encontro, o tempo muda de dono: deixa de ser relógio e vira presença. E presença, quando é coletiva, é cura em movimento.

O encontro é uma tecnologia ancestral. Ele cria território onde antes havia dispersão. Ele costura o que a colonialidade tenta rasgar: a confiança, a memória, o comum. E quando o encontro acontece na periferia, ele não é apenas convivência; ele é também invenção de vida. Porque aqui, muitas vezes, sobreviver foi o primeiro verbo. Mas no encontro a gente aprende outro: florescer. E florescer não é negar a dor - é não permitir que ela seja a única narrativa.

Por isso eu chamo de movimento confluyente e libertador. Confluência porque junta águas: saberes, gerações, histórias, corpos e tempos que o sistema insiste em separar. E libertador porque, quando essas águas se encontram, elas não pedem licença para existir; elas abrem caminho. A roda é esse lugar onde o conhecimento deixa de ser posse e vira circulação. Onde a fala não é disputa, é partilha. Onde a vida não é currículo, é travessia. Onde a memória não é museu, é alimento.

O bem-viver-bem, aqui, não aparece como conceito distante. Ele aparece como prática. Aparece no cuidado que se oferece sem humilhar. Na reciprocidade que não vira cobrança. Na alegria que não é distração, mas resistência. Aparece quando as mãos fazem e as bocas contam, e a experiência vira saber com cheiro de erva e textura de fio. Aparece quando uma mulher diz “aqui eu existo” e o grupo responde sem palavras, sustentando com presença. Isso também é política. Talvez a mais profunda: a política de não deixar ninguém cair sozinho.

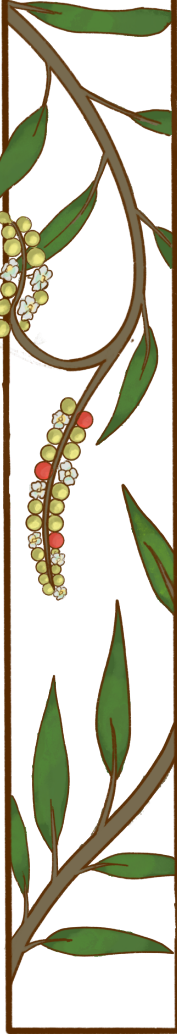
E eu, que escrevo, não escrevo para encerrar. Escrevo para manter vivo. Escrevo para que o que acontece no cotidiano não seja tratado como resto, mas como fundamento. Escrevo porque o comum precisa ser defendido como quem defende água. Escrevo porque contracolonizar não é um evento; é um modo de caminhar. É escolher, todos os dias, não reproduzir o mundo que nos adoece. É praticar, no corpo e na linguagem, um outro jeito de estar junto.

Se este ebó ensinou algo, foi isto: nada começa do zero, mas tudo pode recomeçar. O começo é a memória. O meio é encontro. E o começo de novo é escolha. Escolha de voltar para a roda, de voltar para o comum, de voltar para o que sustenta. Porque onde há encontro verdadeiro, há futuro em germinação.

Assim, o que fica não é um ponto final. É uma roda girando. É um chá servido. É uma cadeira puxada. É um fio que continua. É começo, meio e começo.

### **Tessitura de saberes**

Reaproximar a referência da vida é também um gesto de cuidado com o conhecimento. Recuso a ideia de referência como aquilo que se limita ao nome escrito, à autoria consagrada ou à citação organizada ao fim da página. O que aqui sustenta a escrita é vivência. É ebó preparado entre chá, ervas e memórias, onde o saber não vem apenas dos livros, mas também do encontro, da escuta, do corpo presente e das marcas que a experiência deixa.



Paulo Freire me atravessou com sua pedagogia do oprimido, convocando em mim a escuta dos silenciados, a leitura crítica do mundo e a aposta radical de que ninguém caminha sozinho na invenção de outros futuros. Nego Bispo deu corpo a essa confluência, ensinando-me que os saberes não se organizam apenas por linha reta, mas por encontro, circulação, permanência e chão. Com Bruno Simões, professor que acompanhou esta travessia na pós-graduação, fui aprofundando a compreensão do território como campo vivo de relações, partilhas, resistências e produção de sentido, mas também como lugar onde o bem-viver se anuncia nas práticas do comum, no cuidado partilhado e nas formas coletivas de sustentar a vida.

Aníbal Quijano contribui para compreender que a colonialidade do poder também organiza modos de classificar pessoas, territórios e saberes. Por isso, quando as mulheres das Formiguinhas do Amor fazem circular conhecimentos por meio das mãos, da oralidade, do cuidado e da memória, elas também deslocam hierarquias que insistem em separar saber acadêmico e saber popular, teoria e experiência, corpo e pensamento. Rita Segato entra como leitura parceira para ampliar a escuta sobre gênero, corpo e colonialidade nas relações cotidianas.

E, junto a eles, caminham também as mulheres participantes da roda, que com seus fios, ervas, memórias e modos de estar juntas me ensinaram, na experiência viva, aquilo que nenhuma teoria sozinha alcançaria.

Por isso, o que apresento aqui não é uma seção de referências, no sentido colonial e rígido da palavra, mas uma tessitura de saberes vivos. Eu mesma estou implicada nessa trama, não como observadora de fora, mas como mulher participante, atravessada e ensinada por essa experiência. Esta escrita nasce justamente dessa escolha: devolver a referência à vida, ao território, ao comum e às presenças que sustentam o pensamento. Assim, este trabalho se oferece como ebó: gesto de reconhecimento, gratidão, circulação e compromisso com todas as vozes, ervas, chás, fios e memórias que me trouxeram até aqui.

## Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GAUTHIER, Jacques. A sociopoética como prática de pesquisa integral. Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 848-852, 2014.

GONÇALVES, Bruno Simões. Nos caminhos da dupla consciência: América Latina, psicologia e descolonização. São Paulo: Edição do Autor, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SABERES ORAIS E MEMÓRIAS COLETIVAS. Experiências vividas nas rodas das Formiguinhas do Amor: fios, ervas, crochê, oralidade e práticas comunitárias. São Paulo, 2026.

SEGATO, Rita Laura. La guerra contra las mujeres. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.